

A BATALHA

Director: JOSÉ S. SANTOS ARRANHA
Editor: CARLOS MARIA COELHO
Propriedade da CONFEDERAÇÃO
GERAL DO TRABALHO
Aderente à Associação Internacional
dos Trabalhadores
Assinatura: Incluído o suplemento sa-
manal, Lisboa, 95\$00; Província, 3 me-
ses 28\$50; África Portuguesa, 6 meses
70\$00; Estrangeiro, 6 meses 110\$00.

MAIS UMA JORNADA REVOLUCIONÁRIA

O 1.º de Maio deste ano foi dos mais concorridos em todo o país, tendo o proletariado com a sua presença nos comícios e sessões afirmado o seu desejo de emancipar-se

Pode afirmar-se afoitamente, a-pesar-de várias circunstâncias fazerem suspirar o contrário, que o Primeiro de Maio este ano foi dos mais concorridos em quase todo o país.

Em Lisboa, embora chovesse bastante, a concorrência ao comício foi maior do que a dos últimos anos e inúmeras classes abandonaram o trabalho, embora ao sábado esse gesto seja mais difícil de manter.

Ainda nos faltam saber pormenores e receber notícias e relatos da comemoração do Primeiro de Maio em várias terras da província. Mas aquelas de que temos notícia são animadoras e demonstram que a Batalha tem razão em afirmar que se deve intensificar a propaganda sindicalista em todo o país, visto que o povo trabalhador a acolhe com simpatia.

Se tivesse sido possível a preparação metódica e bastante antecipada de uma forte paralisação, estamos convencidos de que esta se realizaria com grande imponência. Mesmo, assim, a despeito da paralisação não ter sido organizada com muita antecedência, ela fez-se sentir bastante.

No Porto a paralisação foi vasta, não tendo circulado os eléctricos; também não circularam os carros eléctricos de Braga e os comícios e sessões foram largamente concorridos.

Estes factos devem trazer novo alento àqueles militantes que, descrendo da massa, começavam a entregar-se a um desânimo que, afinal, como se vê, não tem justificação.

Em harmonia com o critério expendido em artigos sucessivos que temos publicado nestas últimas semanas, chamamos a atenção dos militantes operários para o animador espectáculo do 1.º de Maio. O povo trabalhador demonstrou, confirmando as nossas esperanças, possuir energias e fé para grandes empreendimentos de carácter social e operário. Urge aproveitar a boa semente lançada agora à terra e não deixa-la morrer por falta de cuidados. Devemos transformar o ano num perpétuo Primeiro de Maio, cheio de agitação e vida, organizando metódicamente a propaganda sindical de forma a torná-la tanto quanto possível permanente.

Militantes mais esclarecidos devem percorrer o país semeando energias, levando a confiança aos corações ansiosos de perfeição, formando consciências, criando propício ambiente ao aparecimento de mais militantes operários e propagandistas convictos.

Não podemos deixar morrer o bom impulso do Primeiro de Maio, antes devemos aproveitá-lo para reorganizar classes que estejam desorganizadas, dar conhecimentos de organização sindical àquelas classes que porventura desconheçam ainda as vantagens da C. G. T.

O Primeiro de Maio, demonstrando que as massas operárias e sofredoras conservam uma certa consciência da situação difícil em que se encontram, aconselha os militantes a redobrar de energia e de actividade no sentido de uma ampla e profícua propaganda.

O comício efectuado no Parque Eduardo VII teve bastante concorrência. Muito antes das 10 horas, já muitas centenas de operários se espalhavam pelos terrenos. Também lá estavam os oficiais da polícia, que foram passar tempo na "montanha russa", dando com muito agrado e sem bilhete algumas voltinhas.

Depois, foi o tenente José Carlos atirar ao alvo, na barraca próxima, tendo errado todo o grande número de tiros que a policia de oficial de infantaria provocou alegres comentários.

A hora marcada para o comício, muitos milhares de operários se juntaram no local, tendo o camarada Alexandre Rosado, em nome da C. S. T. de Lisboa, como início, explicado os fins do comício. A mesa ficou assim constituída: presidente, Alexandre Rosado, da C. S. T.; secretários: Henrique Marques, da Federação Têxtil; Alvaro dos Santos, da Federação do Livro e do Jornal. Fala primeiramente

Silva Campos, delegado da C. G. T.

Tem palavras vibrantes de revolta contra a reacção que tudo domina. Não existe liberdade: não se pode reunir, não se pode manifestar, os domicílios são violados, persegue-se e deporta-se quem não está de acordo. A burguesia pretende que o seu jugo se prolongue eternamente, ainda que todos tenham de ser sacrificados. As classes trabalhadoras veem sendo torturadas cruelmente pela grave crise económica, são ainda hoje castigadas como no tempo do feudalismo. A burguesia, porém, está incapaz de resolver esse problema económico que há de ser contra si uma arma de morte a empunhar pelos trabalhadores.

Só em plena liberdade pode haver bem estar. E só com a abundância para todos se pode conseguir bem estar. Mas a abundância só vai, hoje, para os que dominam. E os que trabalham só miséria disfarçada.

Por entre apóios e gritos de revolta Silva Campos prossegue o seu discurso. Faz uma exortação:—Que os trabalhadores façam o que a burguesia não sabe fazer: estabelecer entre os povos a liberdade, a igualdade e a fraternidade, essa trilogia que a democracia burguesa invoca como lema. Lema mentiroso, porque não poderá ser verdade enquanto se desencadeiam lutas fratricidas entre povos, enquanto se pratica a iníqua exploração do homem pelo homem, enquanto se persiga e se castigue. Os trabalhadores têm de ser revolucionários se quiserem vencer a reacção e o capitalismo, se quiserem suprimir as origens da sua desgraça.

—A fé e o ideal são duas forças que ajudarão os trabalhadores unidos e organizados a destruir um sistema social cheio de iniquidades. A rebelião dos trabalhadores, só ela, poderá extinguir a grande ignominia social. O operariado tem na sua própria força a capacidade de dar realidade ao pensamento universal de liberdade e justiça.

Hoje, os burgueses refinam no cerceamento das liberdades. A organização dos trabalhadores é o espectro dos governantes e dos ditadores. Na sua resistência às modernas correntes de opinião vão ao extremo de perseguir os próprios liberais, que em muitos países, especialmente na Itália e na Espanha, não têm, como os avançados, nem direitos nem liberdades. E esta situação que se pretende estabelecer em Portugal com a ajuda dos que se dizem defensores da democracia.

Vê-se que a democracia e suas conquistas

foram renegadas pelos adeptos. Não consentiremos, porém, que nos escravizem ainda mais. Reivindicamos uma sociedade sem escravos, uma sociedade de homens livres e fraternos.

E o que reclama o sindicalismo revolucionário, que a burguesia pretende aniquilar, seja como for. Nada conseguirá, a-pesar dos fusilamentos, das deportações e dos encarceramentos. A burguesia estúpida, não compreende a grandeza do movimento operário e supõe ter força para o deter.

A chuva desabou subitamente. Ninguém arreda e sob os chapéus abertos espera-se a passagem do aguaceiro. E a fechar o seu discurso, Silva Campos vai explicando os objectivos da C. G. T., advogando o completo desaparecimento do capitalismo e do estado.

A seu pedido, e após uma consulta à assistência—pois só deveriam falar delegados da C. G. T., C. S. T. e de federações—também discursa o

Dr. Mário Monteiro, advogado de vários presos sociais

Fala em nome dos seus constituintes e declara abstrair desta sua atitude todo o intento político ou pessoal. Condena a pretensa superioridade das classes burguesas e proclama a necessidade de libertar os operários presos, já que no Parlamento apenas se cantam quadras de revista. Porque não fazem os operários que os políticos respeitem a ordem que a si eles obrigam a respeitar? A luta é desigual, por isso o povo tem de fazer o que as circunstâncias lhe indicam.

Sobre a tribuna

António Costa, da Federação do Livro e do Jornal

Recorda o sacrifício dos primeiros defensores do regime de oito horas de trabalho. Com a sua organização é que os trabalhadores podem impor respeito pelas suas conquistas e seus direitos. Tem palavras áspersas em referência às delapidações degradantes dos democratas. O caso do Angola e Metrópole foi a maior vergonha da burguesia, mas se operários na formidável burla estivessem comprometidos iriam agora a caminho do degredo.

Erge um enérgico protesto contra as selvagens da policia, referindo os assaltos feitos à sede dos sindicatos. Não gostou o tenente sr. José Carlos, que logo chamou a atenção da mesa, ameaçando encerrar à força o comício. E o orador, embora coacete:—Se querem saber o que é a policia, não leiam apenas a Batalha, porque pode ser suspeita de parcialidade: leiam os jornais conservadores que também já não a suportam!

E diz, depois: O que se tem passado no Parlamento nunca se viu nos sindicatos operários. Quem são os inimigos da ordem? Como a burguesia decai!

Exorta à organização sindical para que a opressão capitalista desapareça de vez.

António de Sousa da Federação das Juventudes Sindicalistas

Insurge-se contra a perseguição às Juventudes Sindicalistas, considera a uma rasteira para as deitar a baixo. Exalta a missão das juventudes, que preparam homens dignos e

competentes. Protesta contra as deportações de operários que nem sequer estão incriminados.

A propósito da questão dos tabacos, afirma que o Parlamento vai causar miséria de 33.000 operários que se fiavam dos poderes públicos.

Diz que os jovens nunca se intimidam diante dos crimes e das perseguições que a autoridade comete. Os jovens são crianças, no dizer dos conservadores: mas são crianças que fazem tremer os homens teríveis deste país, que estão habituados a ver somente velhos nessas juventudes que para si há a defender o prestígio da ordem. Arduamente têm as juventudes cumprido a sua missão.

Hoje, em comemoração do 1.º de Maio, dezenas de jovens, em diferentes localidades, falaria em nome da C. G. T. São militantes da C. G. T. essas dezenas de crianças.

Alfredo Lopes, da Federação da Construção Civil

—Outrora, em Chicago—assim inicia o seu discurso—morreram de tiros dezenas de operários. Hoje, em Portugal, são os milhares os que morrem de fome!

Não há trabalho. Paralisaram as indústrias. Entretanto, no Parlamento partem-se carteiras como se isto resolvesse a actual crise. O proletariado tem de sair da sua inexplicável indiferença e resistir aos seus inimigos, que querem aniquilar-nos com a falta de pão e de trabalho. As violências da burguesia terminarão quando o proletariado se dispuser a tal, organizando-se para a resistência. A regalia das oito horas é conquista do operariado; só ele terá força para a defender e garantir. Deve fazer mais: reivindicar as 6 horas, porque só assim desaparecerá a crise de trabalho. Reduzir sempre as horas de trabalho enquanto durar a crise económica.

Mário Castelheiro, da Federação Ferroviária

Protesta contra a desmoralização da sociedade capitalista, que, infelizmente, muito atinge a classe operária. Quereria que todos os trabalhadores dos transportes houvessem abandonado o trabalho para evidenciar a força que se reserva contra o capitalismo. Insurge-se contra as violências da burguesia e incita à resistência porfiada. A burguesia falhou na administração social e industrial.

Que o operariado a substitua porque nisso só terá vantagens. O 1.º de Maio simboliza o sofrimento do trabalhador oprimido pelo capitalismo, portanto, este dia deve ser de intenso protesto.

Apela para a organização de todos os trabalhadores, evocando a formidável luta dos operários ingleses.

Fala

José de Sousa, do Socorro Vermelho

O 1.º de Maio deve ser, em cada ano, o balanço das derrotas e dos triunfos do operariado. O balanço de agora revela que a situação é trágica. Por toda a parte, os trabalhadores sofrem os horrores da burguesia. Apela finalmente para a solidariedade do operariado em favor dos perseguidos.

Artur Aleixo, da Câmara Sindical do Trabalho

Manifesta-se no dia 1.º de Maio a consciência colectiva dos trabalhadores. Este dia deve ser, pois, um incitamento ao proletariado para prosseguir na luta contra o capitalismo. Deseja que o operariado se furete à desmoralização da sociedade burguesa, criando-se uma força que de vez aniquile a reacção e funde uma nova ordem social. Sauda o proletariado internacional e a C. G. T.

Em seguida aprova-se entusiasticamente a moção da C. G. T., encerrando-se o comício.

O povo operário de Lisboa reuniu no dia 1.º de Maio, data histórica em que o proletariado revolucionário deve manifestar sem tibiezas a sua disposição em combater sem tréguas a dominação ignorante da burguesia que o "último comício" da burguesia que a burguesia, incapaz para resolver os problemas económicos e libertários, com grande perigo para o proletariado para a humanidade, sentindo-se ameaçada pela acção revolucionária do mesmo proletariado organizado e procurando assegurar o seu predominio, abandona as suas velhas afirmações liberais e renega todos os princípios de Democracia para se acolher ao absolutismo reaccionário, onde encontra os despotismos e violências para massacrar os operários no seu movimento emancipador e libertário;

b) Que esta incapacidade da burguesia indigna por um lado e a sua atitude ultra-reaccionária por outro, são manifestações da burguesia de todos os países o que determina um reaccionarismo internacional simbolizado nas figuras sinistras de Mussolini e Rivera, e na expressão histórica do Estado, que por consequência o proletariado do mundo está simultaneamente empenhado na mesma acção defensiva e libertadora;

c) Que, no entanto, a burguesia está exercendo violências que demonstram bem o seu ódio às classes operárias e os propósitos de exterminar todos os princípios de liberdade, como se verifica pelas deportações sem o legal e burguês julgamento e violências contra as classes que justamente reclamam e defendem os seus interesses—como sucede, miseravelmente, com os ferroviários de Lourenço Marques;

d) E por ultimo que o bem estar dos povos, isto é, a ordem que parte do indivíduo à família, às regiões e a todo o orbe, só pode produzir-se quando as acções de todos sejam solidariamente encaminhadas para o respeito mútuo, pela observância dum constante aproveitamento dos elementos e das vontades individuais, com a inteligente e humana apreciação dos acontecimentos, na ausência de todo o propósito de dominar ou coagir—acções estas incompatíveis com o direito de propriedade hereditária, com os convencionais limites pátrios, com o permanente estado de armamento e o domínio duns Estados sobre certos povos que se acoberta com o chamado "proteccionado"; resolve:

Sob o ponto de vista nacional:
Defender todas as liberdades compatíveis com os objectivos libertários do movimento operário revolucionário abandonadas pela burguesia na sua retirada para a reacção, repelir qualquer tentativa político-militarista cujo fim seja o estabelecimento dum situação ultra-reaccionária no país—sem nenhum compromisso para as que tenham outro objectivo—, e manter uma permanente acção, por condução da C. G. T., contra qualquer restrição de quaisquer liberdades públicas.

Sob o ponto de vista internacional:
1.º—Saudar as vítimas da burguesia, do fascismo e do dogma do Estado, do mundo, e manter bem vivos os protestos contra as forças da reacção que dominam, sobretudo na Itália e na Espanha e contra todo o impedimento à natural expansão da acção emancipadora e libertária dos trabalhadores, e oferecer a sua solidariedade, por intermédio da Associação Internacional dos Trabalhadores aos povos escravizados e oprimidos.

2.º—Encarregar a mesa do envio imediato de telegramas ao governo e representante da França em Portugal, protestando contra a extradição de Paulo da Silva.

Protestar contra o julgamento dos deportados nas colónias e perseguições aos ferroviários de Lourenço Marques.

Promover sem detença a reclamação dos melhoramentos que se impõem nesta localidade e dos enunciados na "nota ofensiva" da C. G. T., publicada no n.º 2262 de A Batalha de 17 de Abril p.º, e simultaneamente combater activa e revolucionariamente a baixa de salários que o patronato pretende impor sem nenhum respeito pela situação já miserável dos trabalhadores.

E afirma:

A sua disposição de combater a burguesia e seus preconceitos, o Estado e todo o

princípio de propriedade hereditária, pelo advento do socialismo libertário;

que todos os povos têm o direito de dispor de si próprios, livres de dominações externas ou internas;

que os Estados com o armamento a que estão procedendo levarão, imprevisivelmente, os povos a uma nova carnificina, que só o desaparecimento do militarismo pode evitar, por isso se declara pela Internacional anti-militarista, pela paz no mundo.

Na Cooperativa Lisbonense de Chauffeurs

O dr. sr. Reis Santos, a convite da respectiva direcção, realizou na sede da Cooperativa Lisbonense de Chauffeurs, no dia 1.º de Maio, uma interessante conferência alusiva ao dia.

O conferente durante uma hora e meia dissertou largamente sobre a função das cooperativas, referindo-se em termos muito lisonjeiros à revolução que a Cooperativa Lisbonense de Chauffeurs fez nos serviços de viação urbana, revolução que proporcionou ao público da capital um admirável serviço de automóveis por preços acessíveis a todas as bolsas.

Ao terminar o dr. Reis Santos aconselhou os assistentes a não alimentarem a esperança de que a Cooperativa os venha a tornar capitalistas, pois esta instituição não se destina a fabricar capitalistas, mas sim a emancipar os chauffeurs da tutela patronal.

O orador foi muito aplaudido. Depois da conferência, no gabinete da direcção da cooperativa, foi servido um pequeno copo de água aos assistentes, tendo o discurso ao toast os camaradas Francisco Nunes, Alfredo Marques, Perfeito Millara e Elisiário dos Santos.

Em Silves

SILVES, 1.º—A sessão comemorativa do 1.º de Maio efectuou-se na sede do sindicato corticeiro desta cidade, tendo a ele presidido Francisco Marques, secretário por Manuel Sado e José J. Baptista.

Domingos Passarinho e José Ricardo, lamentaram que a sala não estivesse repleta de trabalhadores. Em seguida foi dada a palavra a Alberto Monteiro, delegado da C. G. T., que se referiu largamente ao significado da data do 1.º de Maio. O orador refere-se a seguir às violências do poder, analisando e criticando largamente as deportações e verberando a pretendida extradição de Paulo da Silva.

Critica violentamente o fascismo, demons-

trando que o assassinato dos adversários e a opressão de todas as liberdades e direitos fazem parte daquela abominável ditadura política.

Em seguida foi aprovada a moção dimanada da C. G. T., tendo a assistência debatido por entre vivas à Batalha e à C. G. T.

Em Almada
Realizou-se uma sessão pública

O operariado desta localidade reuniu em sessão pública a fim de comemorar a data histórica do 1.º de Maio, a convite da União dos Sindicatos.

Na sessão que se realizou no teatro da Sociedade Incrivel Almadaense e esteve regularmente concorrida, falaram representantes dos organismos locais, da Federação da Construção Civil, da Federação Corticeira e da Confederação Geral do Trabalho. Os oradores atacaram veementemente a actual sociedade mostrando a necessidade de a destruir para que se possa fazer a emancipação total dos trabalhadores.

O delegado da Confederação apresentou uma moção que foi aprovada por unanimidade, terminando a sessão com vivas à C. G. T.

O camarada José Gordinho, preso em Monsanto, enviou à mesa uma carta saudando o povo de Almada, pela comemoração do 1.º de Maio.

No Forte do Monsanto

No dia 1.º de Maio, os presos por questões sociais que se encontram no Forte do Monsanto realizaram naquela cadeia uma pequena sessão em que falaram vários detidos que verberaram: os crimes da burguesia e do capitalismo internacional.

No final foi aprovada uma saudação à C. G. T. e à Batalha.

NO ESTRANGEIRO

Fraternidade marxista...

VARSOVIA, 3.—Durante as comemorações do 1.º de Maio deram-se vários conflitos entre comunistas e socialistas, de que resultaram vários mortos e feridos.—L.

... de que resultou grande número de mortos

VARSOVIA, 3.—Os principais conflitos entre comunistas e socialistas ocorreram em Varsóvia, Viena e Lublin.

O número de mortos eleva-se a 19 e o de feridos a 90.—L.

Notas & Comentários

Decisão acertada

João Fernandes; aquele pobre "chauffeur" que conduzia o "taxi" onde foi assassinada a atriz Maria Alves, foi por decisão da direcção da Cooperativa Lisbonense de "Chauffeurs", proprietária do carro, suspenso do exercício das suas funções até à reunião da assembleia geral daquela colectividade. Essa assembleia já se realizou, e por resolução da maioria dos seus componentes a João Fernandes foi levantada a suspensão e reiterada toda a confiança da Cooperativa referida. Este gesto é digno dos nossos aplausos por significar um acto de justiça feita a um homem que soube ser cavalheiro e digno da sua condição de trabalhador.

Pergunta inocente

As Novidades trazendo a fúria odienta da negra igreja romana debruçada-se sobre o túmulo de Anatole France citando do grande demolidor da Thais e de "A revolta dos anjos" que alguém afirma ter-lhe ouvido, sem testemunhas é claro:

"Nunca tive na vida uma hora de felicidade". Insinua a folhinha católica que este grito de desalento foi originado pelo scepticismo do grande escritor.

Segundo o hábito de só respondermos com factos perguntamos às Novidades se também era um sceptico aquele sacristão ou servente da igreja dos Mártires que se enforcou no órgão, sob o olhar misericordioso de Deus...

E' claro que as Novidades, que há dias nos andam alfinetando, evitarão prudentemente responder-nos. Pudera...

O bom conselheiro...

O Século entende que o 1.º de Maio não podia ser comemorado, sem que ele interviesse com alguns conselhos, ditados pela sua inextinguível sabedoria em questões operárias. De facto, se não fosse os conselhos daquele jornal o operariado andaria todo o dia indeciso, sem saber como havia de comemorar o 1.º de Maio...

E sentenciou o Século que o dia 1 de maio era um dia de festa, de grande festa para os trabalhadores! Uma espécie de pândega rasgada, com merenda nas hortas, entrecortada de descantes e de alegres e despreocupadas facécias!

O Século, como órgão que é da União dos Interesses Económicos, entende que o operário deve comemorar num dia, risinhosamente, a satisfação que deve sentir em ser explorado por uma minoria que só pela ignorância, pela tirania e pela violência consegue tripudiar...

Quanto aos serão precisos para que ele se convença do contrário?

"A BATALHA" no Funchal vende-se no Bureau de La Presse.

A BATALHA

Devido a uma avaria no quadro da electricidade, da qual resultou, durante toda a noite a falta de luz nas nossas oficinas, somos forçados a retirar muito original, do que pedimos desculpa aos nossos prestados leitores.

A guerra de Marrocos

Os rifenhos demonstram grande actividade

RABAT, 3.—Os delegados rifenhos conferenciaram hoje com Abd-el-Krim. Os rifenhos demonstram grande actividade em toda a linha de batalha, estando as tropas francesas prontas para qualquer eventualidade.—L.

Para Alhucemas partiram dois delegados de Abd-el-Krim

RABAT, 3.—Dois delegados rifenhos embarcaram num torpedeiro francês com destino à baía de Alhucemas. O terceiro delegado continua em Oudja.—L.

Cadáver que aparece

BIZERTE, 3.—Foi encontrado completamente desfigurado e devorado em parte a algumas milhas das costas da ilha de Lagalite, para onde foi conduzido, o cadáver de um pescador italiano que se supõe desaparecido no dia 24 de Abril na ocasião em que se fez sentir um ciclone naquela ilha.

Congresso das Sociedades Sábias de Paris

PARIS, 3.—O Jornal Officiel deve publicar um decreto pelo ministério da Instrução Pública, fixando o dia 19 de Abril de 1927 como data de abertura do 60.º congresso dos delegados das Sociedades Sábias de Paris e dos departamentos. A sessão geral de encerramento deve realizar-se no dia 23 de Agosto.

A "Semana da Criança" em Tires

Uma comissão de operários, juntamente com as professoras sr.ªs D. Erménia de Andrade e D. Aurora Crespo, respectivamente, de Tires e São Domingos de Rana, resolveram levar a efeito de 16 a 23 de Maio a festa da "Semana da Criança", cujo programa em breve será publicado.

As deportações constituem um grave ultraje às classes trabalhadoras

No momento histórico que atravessamos em pleno "século das luzes" um desafio se está fazendo à classe operária, por parte dos homens que têm o pouco senso de ocupar o Terreiro de Paço.

E se digo pouco senso, é porque se existisse nessas pessoas uma pequena parcela de vergonha, não tinham o arrojo de se disporem a governar um povo, quando apenas uma ridícula minoria os elegeu, minoria que não representa uma percentagem de 20 %, da população. O facto a que vamos referir-nos, é mais do que um desafio, é mesmo um insulto à nossa dignidade de operários conscientes. Há longos meses que nas inóspitas regiões africanas se conservam alguns camaradas nossos, sem que para isso tivessem sido julgados, nem contra eles transite em julgado qualquer acusação.

Os maus tratos a que têm sido submetidos, e cujos ecos raras vezes conseguem chegar aos nossos ouvidos, são de molde a justificar, quão perversos são os instintos desses políticos canibais que se pavoneiam de partidários duma democracia que eles próprios combatem.

Vejam se o governo deporta para a Guiné, certas individualidades políticas; as grandes falsificações das notas de 500 escudos por exemplo... E deportam trabalhadores honestos sem motivo justificado!

Chefes de família, com companheiras e filhinhos a quem adoram, e de quem são o único amparo, não se respeita a sua saúde naquele clima, nem a vida e educação dos entes queridos que cá deixaram, na dor e na miséria, para cevar os instintos ferozes de meia dúzia de exploradores.

A acusação que lhes é feita ultrapassa os limites do ridículo. São acusados pelo horrível crime de sindicalistas!

Sindicalista significa ser sindical e se isso é um crime, ainda a burguesia tem para deportar centenas de milhares de criminosos, o que lhe será inútil, porque aqui ou na Guiné a nossa voz de revoltados será um machado afiadíssimo, que cortará sem descanço o tronco carcomido da nociva arvore, onde a burguesia se encontra empoleirada.

Demais conhece a burguesia os humanitários sentimentos dos sindicalistas, mas é preciso apresentá-los como um terrível espectro, perante os ingénuos, para conservar a sua situação de parasitas.

Os sindicalistas fazem afronta à burguesia porque eles dizem ao povo que tem direito de viver e usufruir aquilo que produz.

Os sindicalistas são maus porque dizem que os operários da construção civil, fazem lindos palácios e vivem nas mansardas, nas caves e subterrâneos, sem ar, sem luz, nem esgotos necessários; que os tecelões e alfaiates fabricam fazendas magníficas e fatos

CARTA DE COIMBRA

Uma notável conferência que demonstrou a falta de base das doutrinas integralistas

COIMBRA, 2. — Atrazado. — No dia 24, realizaram conferências os srs. Ezequiel de Campos, engenheiro agrônomo, e Mário de Castro, estudante de direito.

O primeiro conferente abordou o assunto interessantíssimo de «A adaptação do neogotico ao território da metrópole». A dissertação foi devesa interessante, mantendo até ao fim a assembleia uma atmosfera de profundo interesse. O orador, que dissertou pelo espaço de duas horas, provou exuberantemente que os portugueses não têm sabido explorar as riquezas naturais do país e que têm sido sempre um povo de acomodaticios, não sabendo senão desde o século XV agarrar às embarcações que vêm da Índia, da África e do Brasil. A assembleia aplaudiu delirantemente o orador.

Seguiu-se Mário de Castro que lê a sua conferência: «Em frente das doutrinas reacionárias».

Quando o orador entra na crítica das doutrinas integralistas — que considera «anacrônicas, confusas e contraditórias», apontando, com um belo poder de análise, as suas incongruências, os estudantes integralistas, que se encontravam na sala, rebentaram numa patada e explodiram em apêntes.

Os elementos republicanos e avançados, de acordo em presença da crítica ao integralismo, opõem fortes aplausos à patada dos «marreiros» de D. Nuno.

Mário de Castro afirma que acha, da mesma forma, lógicas as duas atitudes: as de aplauso e as de desacórdio.

Restabelece-se, a custo, o silêncio, que dura pouco, voltando a fazer-se sentir o eco das duas opiniões.

Os manifestantes da oposição, convidados pela assembleia a subirem ao palco para alijar o orador, delegam nessa missão num mocinho académico, seu camarada, que pede a palavra.

Mário de Castro prossegue na sua exposição, agora já no meio de silêncio.

Crítica a ideia — Tradição: pilar máximo das doutrinas integralistas.

Mas, Tradição — afirma o orador — congela tanto a tradição cristã, como a tradição revolucionária — esta última combatida pelos integralistas.

Refere-se ao facto, às ideias, etc., rebaixando uma crítica circunstanciada e inteligente à doutrina integralista.

No final sobre o palco o académico que pedira a palavra e, garantindo que se comportará com correcção, refuta alguns pontos da exposição de Mário de Castro. Afirma que a Democracia falhou há muito e, perante este fracasso, não hesita em proferir que prefere um rei hereditário.

Rebenta, então, forte patada da parte da assembleia contrária, manifestando o seu desacórdio, alijando-se, alguns grupos operários.

Um operário, em voz alta: — Um rei? Guardem-no só para vocês, mas não o queiram impor aos outros!

Outro: Já abaixo o rei e os presidentes! Impera, de novo, o tumulto.

Serenados de novo os ânimos, o contraditor conclui, dando o presidente, de novo, a palavra a Mário de Castro, que argumentando com muita lógica, desfaz toda a contradição do orador integralista.

O integralismo saiu daquela sessão muito amarelo, e os «marreiros» de D. Nuno abandonaram a sala, mais coroados do que haviam ali entrado...

A VENDA A 9.ª SÉRIE DE OS MISTÉRIOS DO POVO

Interessante romance histórico profusamente ilustrado desde as primeiras idades do homem até à revolução Francesa.

Assinatura: pelo correio cada série de 10 tomos com cerca de 320 páginas 6\$00.

A obra mais barata que no género se publica

HORARIO DE TRABALHO

As disposições legais

A secção editorial de A Batalha acaba de editar, em folheto, o decreto 5.516, de 7 de Maio de 1919 e respectivo regulamento publicado no Diário do Governo de 20 de Maio sobre o horário de trabalho, sendo o seu preço avulso de \$50.

Quos sindicatos que desejem adquirir quantidade far-se-á um abatimento de 50 por cento em pacotes de 50 folhetos.

Pedidos à administração de A BATALHA.

"A Voz do Cárcere"

Encontra-se à venda na administração do nosso jornal o primeiro número de «A Voz do Cárcere», cujo preço é de 1\$00.

Todos os pedidos devem vir acompanhados das respectivas importâncias.

chies, e trazem os filhos quasi nus ou cobertos de farrapos.

São maus, porque dizem que os metalúrgicos constroem bons carros, e andam a pé; os marceneiros fazem boas mobílias, e não têm em casa uma cadeira nem um guarda-fato; que os curtidores e sapateiros fabricam optimo calçado e trazem alpagatas ou andam descalços, ao passo que os armazéns abarrotam de todos estes artigos em grande abundância!

Os sindicalistas são malvados porque dizem que os trabalhadores do campo lavram a terra sob um sol ardente ou um frio de gelar o sangue, cultivando o trigo, o milho, as batatas, etc., e trazem os filhos cheios de fome; criam as boas rézes que fornecem a carne aos ricos, e eles são muitos crimes identicos, são os sindicalistas perigosos, e por isso é preciso persegui-los, deportá-los, enforcá-los, fuzilá-los, até os exterminar.

Mas o diabo é que parece que eles têm arte mágica; «quanto mais matam mais aparecem»...

São uma praga inextinguível.

Retomando novamente o fio à meada, vamos concluir este já extenso e desataviado artigo.

A conservação dos nossos camaradas deportados na Guiné é um insulto à classe operária.

A's artilhanças dos nossos governantes, é preciso responder com a altivez que o caso requer.

IMPRENSA

"A Voz do Cárcere"

Editado pelo nosso camarada João Maria Major, arbitrariamente preso no Forte do Monsanto, iniciou a sua publicação no dia 1 de Maio A Voz do Cárcere, que apresenta um agradável aspecto gráfico e uma impecável redacção.

A Voz do Cárcere é um audacioso empreendimento dos presos sociais e destina-se a fugitar os crimes das autoridades cometidos nos lúgubres calabouços para onde são arremetidos os presos sociais.

O primeiro número, além de publicar as fotografias de Diamantino da Anunciação, assassinado pela polícia em 29 de Maio, e de João Nunes Carreira, falecido na Guiné onde se encontrava deportado, faz sensacionais revelações sobre os suplicios infligidos a alguns presos nas esquadrões de polícia.

Os objectivos de A Voz do Cárcere são demarcados no seu editorial, do qual extraímos o seguinte período:

«A odisseia dos presos sociais é das mais dolorosas que se conhecem, através de todas as perseguições que esta república de bandoleiros tem exercido contra todos que não se conformam com o regime de crápula, em que este desgraçado país se tem afundado.

Há quasi um ano que esta iniqua situação começou. Recordá-lo é recordar o terror sem igual, o banditismo a que um grupo de janizários se lançou, escudado em «ordens superiores» com a certeza da impunidade. Alguns presos sofreram as maiores atrocidades nos calabouços das esquadrões policiais, ameaçados a cada momento pela morte na «lei da fuga» que a polícia estabeleceu, a fim de fuzilar impunemente, ao voltar duma esquina, aqueles que poderiam bradar ao povo as brutais agressões que injustamente tinham sofrido nos interrogatórios.

Alguns bandidos-policiais, que mais tarde receberam elogios e dinheiro, torturaram durante horas, lentamente, com todos os requintes de malvez, aqueles a quem queriam obrigar a assinar depoimentos que a polícia já levava redigidos.

E todos os presos que a polícia acusava e tiveram a desdita de protestar a sua inocência, tiveram que assinar o que a polícia lhes apresentou na frente, depois do corpo cortado e a cabeça martelada. Por maior que seja a resistência da vítima, reforçada com a verdade das suas afirmações, a tortura, o suplicio que os bandoleiros da «ordem» são capazes de inventar, acaba sempre por vencer e fazer das vítimas os autómatos que se deixam mover à vontade dos carrascos.

A maior resistência à tortura entre as paredes silenciosas dos cárceres, encontramo-la, através da história, nas épocas remotas das lutas religiosas, quando ainda todos acreditavam na felicidade de além-túmulo, e mesmo assim muitos cederam à tortura do pavor dos suplicios.

Hoje que estamos na época das lutas materialistas, das altas aspirações transformadoras e ainda mais fácil vencer pela tortura. E foi assim que a polícia venceu muitos inocentes, que assinaram tudo que contra eles quiseram escrever, para se furtarem às atrocidades de que estavam sendo vítimas, havia horas infligidas.

Aos trabalhadores compete auxiliar A Voz do Cárcere, pois sem esse auxilio a arrojadia iniciativa dos presos sociais não conseguirá o êxito que lhe auguramos.

A Voz do Cárcere, que se encontra à venda na administração do nosso jornal, custa um escudo, cada exemplar.

Edições de "A Sementeira"

Práticas neo-maltusianas..... \$30

O sentido em que somos anarquistas..... \$50

A peste religiosa..... \$40

A Liberdade..... \$50

A Internacional (música e letra)..... \$30

Pedidos à A BATALHA ou no Cais do Sodré, 88

Ainda o aniversário da lei da separação

A comissão de beneficência 20 de Abril comemorou no passado domingo o 15.º aniversário da lei da separação da Igreja do Estado, com uma pequena festa que decorreu animadamente.

A's 10 horas começaram a ser vestidas e celegadas cerca de 200 crianças que seguiram formadas para o Teatro Nacional onde se realizou uma sessão solene, na qual fizeram uso da palavra, os dres. sr. Magalhães de Lima, que presidiu, Agostinho Fortes, Carneiro de Moura, professor Ladislau Batalha, capitão Pina de Moraes, tenente-coronel Tavares de Carvalho e o sr. Vasco Gamito.

Escola officina n.º 1

Como já foi noticiado, é amanhã que se realiza no teatro São Luís a festa anual em benefício da Escola Officina n.º 1.

Dado o fim a que se destina o producto da festa e também porque a peça escolhida é uma das melhores do repertório do teatro, é de prever grande affluência de espectadores.

Os bilhetes podem ser requisitados na secretaria da Escola, largo da Graça, 53.

DENTES ARTIFICIAIS

A 2500. Extracções sem dor a 15000. Concertam-se dentaduras em 4 horas a 20000. Dentaduras completas sem placa em «cautiú». Consultas das 11 da manhã às 8 da tarde.

MARIO MACHADO R. Garrett, 74, 1.º (Chiado)

Quem quiser saber novas sobre o misterio que estas interrogações encobrem, telefone hoje para o teatro MARIA VITORIA onde, em mais duas sessões, se repete a famosa revista FOOT-BALL com o seu grande atractivo das Girls e os tipos mais engraçados e populares criados por Hortense Luz, Carlos Leal, Alfredo Ruas, Santos Carvalho e Alberto Chira no compêre.

Se telefonar não deixará de marcar bilhete, para hoje, para amanhã, para todas as noites em que for a revista.

Do estatuto confederal

ARTIGO 1.º — A Confederação Geral do Trabalho constitui-se com os seguintes objectivos:

1.º — O agrupamento, sob a base federativa autónoma, de todos os trabalhadores assalariados no país, para a defesa dos seus interesses económicos, sociais e profissionais, pela elevação constante da sua condição moral, material e física;

2.º — Desenvolver, fora de toda a escola politica ou doutrina religiosa, a capacidade do operariado organizado para a luta pelo desaparecimento do salariado e do patronato, e posse de todos os meios de produção;

3.º — Manter as mais estreitas relações de solidariedade com as Centrais dos outros países, para a ajuda mútua, numa common intelligentsia, que conduza os trabalhadores de todo o mundo à sua emancipação integral da tutela opressiva e exploradora do capitalismo.

«A Batalha» vende-se em todas as tabacarias



TIVOLI

Telefone N. 5474

A'S 9 horas

Solenisando a reitidão em Lisboa do Comité Olímpico Internacional:

O caminho da Força e da Beleza

Super-documentário sobre cultura física, em 5 partes

O pintor do Dragão

Fantasia japonesa em cinco partes, com Sessue Hayakawa, o celebre actor japonês e sua mulher Tsuyu Hoshi

Uma panorâmica — Uma cine-farça

O CAMINHO DA FORÇA E DA BELEZA começa a passar às 10 horas

Teatro Nacional

Telefone N. 3049

HOJE — A'S 21 horas — HOJE

O maior êxito da actualidade

A peça de mais flagrante oportunismo

Espectáculo sensacional

A dansa da meia noite

Preços

(Incluindo todos os impostos)

Frizas	40\$00
Camarotes	40\$00
30\$00 e 20\$00	
Fauteuils	10\$00
Superiores	6\$50
Gerai	4\$00
Varandas	3\$00

OS MISTÉRIOS DO POVO

(Em publicação)

Grande Romance histórico desde as primeiras idades à Revolução Francesa

— POR —

EUGENE SUE

Constituindo uma optima coleção dos grandes acontecimentos da humanidade, dividida em periodos históricos distintos, em volumes profusamente ilustrados e artisticamente encadernados.

I — O Carro da Morte

II — O Carpinteiro da Nazaré

III — A Mãe dos Acampamentos

IV — Roman, o Vagabundo

V — As Filhas de Carlos Magno

VI — As Cruzadas

VII — A Jacquerie

VIII — Joana de Arc

IX — Os Jesuítas

X — Os Vingadores de Isabel

XI — A Revolta dos Camponeses

XII — A Revolução Francesa

já se encontram publicados até ao IX volume e encadernados até ao IV

PREÇO DE ASSINATURA:

Em séries de 10 tomos a 32 páginas

Cada série 5\$00

à cobrança, pelo correio..... 6\$00

Volumes encadernados, cada..... 10\$00

à cobrança, pelo correio..... 11\$00

Capas soltas e respectiva encadernação, cada volume 4\$00

Pedidos à Administração de A Batalha

História Universal del Proletariado

«Veinte siglos de opresion capitalista»

Esta publicação em lingua espanhola, que se encontra à venda na nossa administração, é o relato histórico, documentadissimo e detalhado, das lutas originadas pela desigualdade social que, sob formas diversas e variados sistemas, perdura desde os primeiros alvares da civilização.

Cada fasciculo de 48 páginas, 1500; pelo correio, registado, 1550.

Estão publicados os seguintes fasciculos:

1.º — «La era de la esclavitud»; 2.º — «La rebelión de Espartaco»; 3.º — «Abolición de la esclavitud».

HOJE! Teatro do Ginnásio

O mais alegre espectáculo

O AZ

Triunfante êxito

Palmira Bastos

na estonteante

chouquette

Encenação de Gil Ferreira



Do estatuto confederal

CAPITULO I

DOS OBJECTIVOS

ARTIGO 1.º — A Confederação Geral do Trabalho constitui-se com os seguintes objectivos:

1.º — O agrupamento, sob a base federativa autónoma, de todos os trabalhadores assalariados no país, para a defesa dos seus interesses económicos, sociais e profissionais, pela elevação constante da sua condição moral, material e física;

2.º — Desenvolver, fora de toda a escola politica ou doutrina religiosa, a capacidade do operariado organizado para a luta pelo desaparecimento do salariado e do patronato, e posse de todos os meios de produção;

3.º — Manter as mais estreitas relações de solidariedade com as Centrais dos outros países, para a ajuda mútua, numa common intelligentsia, que conduza os trabalhadores de todo o mundo à sua emancipação integral da tutela opressiva e exploradora do capitalismo.

"A Batalha" vende-se em todas as tabacarias

TEATROS, MÚSICA E CINÉMAS

Teatro da Trindade

«O homem das cinco horas» de Henrique e Weber, tradução de Alvaro de Andrade

«O homem das cinco horas» é das comédias de maior graça que nos últimos anos têm a Lisboa vindo, importadas de França. O sucesso que neste país faz, justifica-se plenamente.

Ninguém procure lógica nesta obra espirotica, feita para desopilar Os seus autores esforçaram-se por fazer rir o espectador desde que sobe o pano no primeiro acto até que ele cai no terceiro. Comparável com «O homem das cinco horas», só descobrimos, olhando para o passado, as antigas farças alemãs que no Ginnásio tanto cómico criaram, criando também um público devoto que não se cansava de rir... de rir sempre.

Para que havemos de estar a reconhecer nesta peça de Henrique e Weber qualidades de construção que ela fracamente tem, se verdadeiramente ela se recomenda pelo picaresco das situações, pela verve dos ditos?

Alvaro de Andrade conseguiu pôr na nossa lingua «O homem das cinco horas» sem que a comédia perdesse um só dos seus aspectos cómicos, uma só das suas frases desopilantes. Alvaro de Andrade fez uma bela tradução.

O desempenho da comédia, que há de trazer ao Trindade grandes enches, (só Erico Braga serviria de mascotte ao desprotegido teatro) foi equilibrado e correcto. Lucília Simões, sempre grande actriz, manteve-se esplendidamente no seu papel do principio ao fim.

Erico Braga, tipo de velho bem estudado, continuou a ser o actor que com trabalho aturado tem conseguido marcar a sua posição.

Muitíssimo bem Joaquim Almada, de quem pouco há já que dizer, tão justamente a seu respeito bastante se tem dito.

Samuel Dinis sobriamente, como bom artista que é, Amélia Pereira bem, como bem foram também Seixas Pereira, Irene Lido, Noémia Pinto, Pestana de Amorim e Rebelo de Almeida, cada um dentro das exigências dos papéis que lhes foram entregues. O scenario de bom gosto, especialmente o do 2.º acto.

A direcção artistica de Lucinda Simões, como de costume, meticolosa e certa.

Nogueira de BRITO

O pianista Júlio Pietra

Tôrre:

A semana passada foi em fértil em concertos. Não houve mãos a medir para o crítico e quasi custa a acreditar como fisicamente se pode resistir a uma tal profusão de recitais.

Coube a vez a Júlio Pietra Tôrres, da moderna geração de pianistas, compleição romântica de artista que põe muito da sua alma em todas as composições que executa.

Essa qualidade prejudica-o às vezes, porque deixando-se arrastar pelo seu sentimento, dá às obras um carácter demasiado enternecido que nem sempre está conforme com a índole do trecho.

Disso se ressentiu a interpretação que deu à sonata em dó maior, de Beethoven. O carácter da música foi sacrificado um tanto à decora da interpretação nem sempre consentânea com a índole dos andamentos que a compõem. Tive a impressão de que o sentimento que Pietra Tôrres tinha de imprimir aos trechos da fantasia de Schumann, que na 2.ª parte havia de executar, se tinha antecipado. E, contudo, que enorme distância vai de Beethoven a Schumann e particularmente desta sonata de Beethoven às fantasias da op. 12 de Schumann!

Onde o pianista se encontrou perfeitamente à vontade, foi nas quatro composições russas que constituiram a última parte do seu concerto. Mormente o prelúdio em sol menor de Rachmaninov, teve uma elegantíssima interpretação.

Júlio Pietra Tôrres teve disso a prova nos aplausos que recebeu ao executar esta interessante página.

N. de B.

ESPECTÁCULOS

Racional — A's 21. — A dança da meia noite, São Juh — A's 21. — Roma galante, Ginnásio — A's 21. — O Az.

Tivoli — A's 21. — Os Milhões do Criminoso, Trindade — A's 21. — O homem das cinco horas, Coliseu dos Recreios — A's 21. — Luta greco-romana, Fenícia — A's 21. — O Pão de Ló.

Maria Vitoria — A's 20.30 e 21.30 — Foot-Ball, Zé do Voz — A's 21. e 21.30 — «Corsários» e «O Barbeiro de Sevilha».

Cinema (Il Vicinio (4 Graça) — Espectáculos às 3.ª, 1.ª, sábados e domingos com ematines, Fenícia Parque — Todas as noites. Concertos 2 di. vésicos.

CINÉMAS

Tivoli — Olimpia — Central — Condes — Chido Terrasse — Ideal — Arco Bandeira — Promotora — Esperança — Tortoise — Cine Paris.

Festas artísticas

Realiza-se no corrente mês, no Ginnásio, a recita de homenagem à illustre artista Palmira Bastos. Escolheu ela, para essa noite, a peça «O Rosário», de Bisson, que a critica francesa classificou como uma obra especialmente consagrada às senhoras que escolhem escrupulosamente os seus divertimentos, facto que a critica portuguesa e o público tiveram ocasião de constatar e confirmar, quando a peça foi representada recentemente por Charlotte Lysés. E Palmira Bastos quem vai criar o papel interpretado pela actriz parisiense, ao qual não deixará de imprimir todo o relevo e brilho que lhe permite a grande maleabilidade do seu belo talento.

Reclames

Continuam as enches no Ginnásio mas a pesar-disso, já hoje se realiza a última recita da moda, com «O Az» que retira da scena em pleno exito, para dar lugar a peça nova.

Mantem-se e até recrudescer o agrado da sensacional peça «Os milhões do criminoso», que tem em scena o Apolo.

Os notáveis artistas portugueses «Os Latinos» e o «Pintor sem mãos» e o admirável dansarino-transformista Amoros, que constituem o magnifico programa artistico que todas as noites se exhibe no Coliseu dos Recreios, estão ali fazendo o mais extraordinário sucesso mercê dos seus belos e originaes trabalhos que são sempre aplaudidos com grande entusiasmo. Hoje repete-se o formidável programa que antecede o grande torneio internacional de luta.

Obteve um enorme êxito a zarzuela

Ultimas notícias

O governo inglês dirigiu um "ultimatum" ao congresso das "trade-unions"

LONDRES, 3. — O governo enviou ao presidente do conselho geral do congresso das «trade-unions» uma nota contendo o seu «ultimatum», constatando que a única solução possível reside na reorganização imediata da industria do carvão e na adaptação provisória dos salários, ou na aceitação dum horário de trabalho permitindo à industria estabelecer os seus preços numa base económica para realizar a sua nova organização.

A resposta do conselho geral regeitou por completo o «ultimatum» do governo. — L.

Terminaram as negociações

LONDRES, 3. — O conselho geral do congresso das «trade-unions» reuniu esta manhã depois de repelir toda a responsabilidade no incidente da tipografia do «Daily Mail», declarou oficialmente terminadas as negociações para a solução do conflito mineiro. — L.

TEATRO APOLO

Emp. Ruas — Telef. N. 4929

HOJE E TODAS AS NOITES o célebre drama

Os milhões DO criminoso

PROTAGONISTA: Rafael Marques

Novidades literárias

CAVALGADA DO SONHO

TERRAS DE FOGO

— DE —

Júlio Quintinha

2.ª Edição — Escudos 8\$00

A' venda em todas as livrarias. — Pedidos à secção de Livraria de A Batalha

Coliseu dos Recreios

HOJE às 21.30 HOJE

Torneio Internacional de Luta

Combates para hoje:

GRILLO contra PIETROWITSCH

SIRCK contra NESTROM

YAGO contra DEGLANE

Extranôdinos exercicios de força pelo grande atleta russo

ZBYSHKO

que acaba de lançar um repto a todos os lutadores

NS ESPERIDIAS ATTRAÇÕES:

Os Latinos — O Pintor sem mãos — Amoros

"Educação Social"

Revista de pedagogia e sociologia

Dirigida pelo prof. dr. ADOLFO LIMA

Publicação mensal

Redacção e administração — Empresa Literária Fluminense, Limit. — R. dos

a o qual os piores nomes são sempre
se vício cuja existência a natureza tem
a língua se recusa a dar um nome



Na Inglaterra

Para combater a greve dos mineiros o governo mobilizou as forças de terra e mar

LONDRES, 3.—O governo publicou a uma da madrugada de hoje um ultimatum no qual afirma que só será possível chegar a uma solução desde que os mineiros aceitem as conclusões do relatório da comissão oficial encarregada do estudo da crise atravessada pela indústria do carvão.

No mesmo ultimatum, o governo declara garantir o subsídio por mais 16 dias, a fim de permitir que as duas partes interessadas prossigam nas negociações.

Supõe-se, contudo, que isto será muito difícilmente possível em virtude de já ter sido proclamada a greve geral pelo congresso dos «trade-unions», que foi cumprida em todas as minas, sem dar lugar à mínima desordem.

O governo chamou às fileiras todos os soldados e marinheiros que se encontravam de licença, preparando-se para qualquer eventualidade.

Também por ordem do governo o Hider-Park foi ontem à noite encerrado ao público.

Um decreto proclamando o estado de sítio

LONDRES, 3.—Em consequência da greve dos mineiros e da sua provável extensão a outras classes, o Rei Jorge V, que já abandonou o castelo de Wistov, assinou um decreto proclamando o estado de sítio pelo qual são conferidos plenos poderes ao governo, que enviou imediatamente numerosas tropas de reforço para o País de Gales para a Escócia e para Lancashire.

O governo nomeou dois comissários encarregados de garantir a manutenção dos serviços públicos.

A greve geral deve ser proclamada esta semana, se não for possível obter a conclusão dum acordo.

Em regime de compressão...

LONDRES, 3.—No final da conferência presidida por Baldwin, a qual esteve reunida até à 1,30 da madrugada, Thomas fez declarações optimistas e exprimiu a esperança de que as explicações de Baldwin permitiriam que se efectuassem hoje novas negociações. As autoridades decretaram uma série de medidas tendentes a reduzir consideravelmente o consumo do carvão, do gás e da electricidade.

As infracções a estas medidas serão punidas com multa e prisão. Todos os depósitos de matérias explosivas estão rigorosamente vigiados.

Em vésperas da greve geral

LONDRES, 13.—O governo reuniu-se às 17 horas, e Baldwin convocou para as 21 o «comité» industrial e os sindicatos das «Trade-Unions», estando já estabelecida a base da discussão. Tanto o governo como os sindicatos, tomam disposições para o caso de greve geral. Os mineiros mantêm uma oposição firme à redução de salários e à conclusão de acordos regionais.

As conversações não podem continuar

LONDRES, 3.—Um comunicado governamental publicado em seguida ao fracasso das negociações, declara que as conversações não poderão começar sem que previamente sejam repudiados os actos de violação de liberdade da imprensa e retirada imediatamente os ordens de Greig.

Lord Churchill foge à multidão

LONDRES, 3.—No momento em que abandonava Downing Street e entrava no White Hall, a multidão que ali estacionava envolveu o sr. Churchill, que teve que se refugiar no ministério do Interior.

Foi votada a greve geral

LONDRES, 3.—Foi aprovada por 3.653.000 trabalhadores filiados, a resolução tomada pela conferência das Trades-Unions, de se declarar a greve geral dos serviços vitais hoje à meia noite, se até lá não for resolvido o conflito mineiro.

Fracassaram as negociações

LONDRES, 3.—Fracassaram as negociações para evitar a greve geral. (H.)

Um exemplo a seguir

LONDRES, 3.—O pessoal do Daily Mail recusou-se a imprimir o jornal em consequência de publicar um artigo intitulado «O Rei e o País», no qual se caracterizava a greve geral como um movimento revolucionário e como uma onda negra contra o governo.

Por tal motivo, aquele importante diário ondrino não foi publicado.

MARCO POSTAL

Gonçalo. — José Luís Soares. — Recebem 30\$00. Assinatura paga até 30 de corrente. Os jornais do 1.º de Maio, vão seguir como pede.

Corvais. — Manuel Joaquim Lopo. — Recebem 40\$00. Diário pago até 30 de Abril e Renovação até 30 de Março.

Misericórdia de Lisboa

Todas as quintas feiras do próximo mês de Maio, recebem-se requerimentos para os requerimentos para os dotes a grã de pai, devendo as requerentes apresentar, além dos seus requerimentos em papel comum, a sua certidão de idade, certidão de óbito do pai e atestado da Junta de Freguesia em que prove a sua pobreza, honestidade e recolhimento, e que reside há mais de dois anos em qualquer freguesia desta cidade.

Na Misericórdia fornecem-se os impressos necessários a quem os solicitar.

As requerentes não devem ter, em 30 de Junho do corrente ano, menos de 20 anos nem mais de 29 anos e meio.

EM HOMENAGEM

à Escola e Biblioteca de Estudos Sociais da Boavista

Promovido pelo corpo-cênico da Escola e Biblioteca de Estudos Sociais da Boavista e em homenagem a esta simpática agremiação, realiza-se no dia 29 de Maio um grandioso espectáculo no Teatro Gil Vicente, no Pôrto, subindo à cena o drama em 4 actos e 7 quadros de D. João da Câmara, «Amor de Perdição».

A comemoração do primeiro de Maio na provincia

No Pôrto

O comício muito concorrido foi dissolvido pela polícia por culpa dos comunistas

PORTO, 2.—Conforme o deliberado pela Câmara Sindical do Trabalho efectuaram-se ontem, a um tempo e quasi à mesma hora—10 horas da manhã—bastantes pequenos comícios nas sedes dos organismos profissionais. Nessas sessões comemorativas da lutoosa data do 1.º de Maio, foi feita uma esplêndida sementeira dos ideais revolucionários, uma excelente propaganda da organização operária orientada no sindicalismo revolucionário consubstanciado nos objectivos da C. G. T.

Estas brilhantes manifestações anti-capitalistas foram precedidas pela afixação e distribuição de cartazes e manifestos significativamente alusivos à solenidade do dia, editados pela C. S. T. e pelos diferentes sindicatos operários. Nêles faziam-se afirmações rasgadas libertárias e de incentivo à boa organização trabalhadora—salientando-se os indignados protestos contra a tirania e a exploração burguesas, bem como contra a ténica ameaça do golpe traçoideiro fascismo lusitano.

A Juventude, pela sua acção escrita e verbal, imprimiu às manifestações um realce digno de menção.

Quasi todas as classes paralisaram o trabalho. Os empregados da Carris honraram as tradições dos demais anos—nem um único eléctrico circulou nas linhas. Em compensação houve a tristíssima nota dada por uma parte importante dos chauffeurs, proprietários e assalariados, rompendo os compromissos, esquecendo-se lamentavelmente daquele esforço de solidariedade prestada pela organização operária a quando do seu último movimento grevista...

Arrastados pelo egoísmo de terem um bom São Miguel com a falta dos severísimos eléctricos, puzeram em andamento os seus autos, os quais, na sua cobiça de lucros especiais por falta de concorrência da Companhia da Boavista, pareciam mais provocadores ainda...

Será bom que desapareça desta crónica a alusão picaresca às notas fanfarrônicas de algumas classes de Gaia e Pôrto que supõem o 1.º de Maio uma romaria festiva, e às místicas peregrinações aos cemitérios, seguidas de falas aos mortos...

Os socialistas realizaram de manhã, no Passeio das Virtudes, o seu anunciado comício, ao qual assistiu quasi em massa a classe dos manipuladores de tabacos, visto o deputado socialista Amâncio de Alpoim, um dos oradores, se ter pronunciado no parlamento pela «régie».

Contra o costume, o tradicional cortejo operário que era de uso preceder o comício das Fontainhas, não se efectivou por deliberação da Comissão do 1.º de Maio e C. S. T. Ele devia efectuar-se depois do comício até à Avenida dos Aliados, mas tomou outro rumo devido aos acontecimentos.

O comício, presidido pelo nosso camarada Santos Arranha e secretariado por João Lázaro, das Juventudes Sindicalistas, e por Júlio de Campos, do S. U. dos manufacteiros de calçado, couros e peles, teve início perto das 10 horas. Multíssima concorrência, embora inferior ao ano transado. Respirava-se uma atmosfera densa—não devido à irregularidade do tempo, mas ao que se adivinhava ir suceder. A reunião não iria terminar bem—e não terminou. Por culpa das autoridades? Não. Por culpa dos comunistas...

A comissão do 1.º de Maio, nomeada na C. S. T., resolveu, em harmonia com este organismo, que só fariam indivíduos da organização operária por ela inscritos. Nada de oradores «por organismos políticos. Apenas consentiria, condescendentemente, que António Carvalho falasse em nome do Socorro Vermelho, fazendo a propaganda desta entidade. Sendo o comício da C. S. T., e não dos políticos ironicamente vermelhos, só ela é que tinha direito de escolher os seus oradores. Idêntica resolução, afinal, tiveram os socialistas para o seu comício.

Os «comunistas», porém, fizeram espalhar que haviam, à viva força, de impor um orador dos seus—desse o que desse...

Assim, Anastácio Ramos pretendeu usar da palavra mesmo a seguir a Santos Arranha. No entanto, falaram, sem novidade, José Silva, Santos Arranha, Marcelino Pedro e João Timóteo, que escalpelizaram a burguesia, que atacaram o fascismo, o escândalo parlamentar, a estremeira política, defendendo, depois de aludirem ao verdadeiro significado do 1.º de Maio, a unificação trabalhadora dentro da organização sindicalista revolucionária baseada nos princípios da C. G. T.

Depois do 4.º orador é que o conflito estalou. O representante comunista, A. Ramos, insistiu em querer falar, apoiado por alguns seus correligionários. Mas, por outro lado, e em muito maior número, surgem os protestos, acusando-o de ter saído da organização operária para enfileirar numa colectividade divisionista da sua indústria. Teima—e sobre para o histórico muro das Fontainhas improvisado em tribuna. Debaixo, da multidão irritada, arremessam-lhe com lama, com excremento... seguindo-se a balbúrdia, a confusão, uma espécie de corps-à-corps...

Nesta altura... entrou a polícia e dissolheu o comício...

A multidão, aos vivas à C. G. T., à C. S. T., à A. Batalha, à organização operária, etc., e abaixo aos políticos, viedinhos, etc., sobe em cortejo, com as suas 19 bandeiras sindicais, a rua Alexandre Herculanu—dando-se durante o trajeto, e sob os sorrisos dos burgueses, conflitos com os comunistas...

Depois, de tudo isto, redundou uma verdadeira apoteose à C. S. T., aglomerando-se a multidão em frente à sua sede.

Das janelas da C. S. T., Santos Arranha verberou, indignadamente, o procedimento dos comunistas, dos divisionistas, lendo a suegr, a moção da C. G. T., que a multidão aprova, por proposta de Marcelino Pedro, com frenética, reboante, salva de palmas.

Depois de Santos Arranha pronunciar um discurso de propaganda sindical e anti-política, e aconselhar a que todos despirem na melhor ordem—a multidão retirase entre aclamações à C. G. T., C. S. T., A. Batalha, A. Comuna e Juventudes Sindicalistas, e morras ao capitalismo e aos traidores da organização operária. E assim terminou o 1.º de Maio.

Na Covilhã

A comemoração decorreu com bastante brilho

COVILHÃ, 1.—O proletariado da Covilhã caminha dia a dia para a sua formidável organização sindical, organização que fatalmente o há-de levar à emancipação.

Manhã cedo do 1.º de Maio, uma manifestação superior a duas mil pessoas percorreu a ruas principais da cidade, manifestando-se ruidosamente contra a prepotência burguesa e aclamando delirantemente a C. G. T., A. Batalha, a A. I. T., as reivindicações operárias, etc. Em frente aos quartéis e esquadrões de polícia houve protestos contra o militarismo e violência da burguesia. A exemplo dos demais anos, o proletariado da Covilhã soube marcar revolucionariamente a sua atitude.

Ao contrário do que foi anunciado, não se realizou o comício comemorativo do dia junto aos bairros sociais de nefanda memória por o tempo o não permitir—tendo-se efectuado antes na Casa do Povo, com uma extraordinária assistência de homens, mulheres e crianças.

Presidiu José Carrilho, secretariado José Macedo e Manuel da Cruz Curto.

Em primeiro lugar fez uso da palavra Manuel dos Santos Luís que historiou o que foi o sacrifício dos mártires de Chicago em 1886, os heróicos lutadores e propulsores do horário das 8 horas de trabalho.

Refere-se à acção dos textos que conseguiram totalmente esse regime de trabalho e defende que se inicie a luta pelo horário das 6 horas, pois, ainda mesmo assim a burguesia terá ocasião de engordar enquanto nós empobrecemos.

Em seguida usa da palavra Adolfo de Freitas, delegado da Juventude Sindicalista, que se refere à má interpretação dada pela imprensa burguesa à sua missão, porque vê nela a acção revolucionária para a destruição do seu poderio.

Mostra a necessidade de todos os jovens trabalhadores formarem os núcleos da Juventude para o pouco e pouco se instruírem e educarem, pois só assim será possível a sua emancipação, tomando parte nos sindicatos ao lado de seus irmãos mais velhos, pais e camaradas de infórtio.

Depois, entrando propriamente na missão da Juventude Sindicalista, aclara-a por forma a todos verem que ela apenas deseja a educação de todos, levando-os ao conhecimento dos problemas sociais. Faz um apelo aos pais e militantes presentes para que facilitem que seus filhos entrem para a Juventude—pois assim serão uns bons filhos e ainda uns melhores trabalhadores e revolucionários. Como também apela para as muitas mulheres que se encontram presentes e mães para que não só ajudem seus futuros homens, como maridos e filhos, de forma a que estes se sintam à sua volta um ambiente agradável, de amor, possam pelo bem estar de todos lutar com a certeza de que atrás de si estará toda a família—emfim todos os que sofrem as agruras da sociedade.

Depois foi dada a palavra a António Lopes Jorge—secretário geral do Sindicato Textil, que abordou largamente a opressão burguesa e industrial, criticando a chamada crise de trabalho que se verifica afinal não existir pois nem todos os trabalhadores têm o que precisam. Ataca a fraqueza do proletariado que não tem sabido impor-se, referindo-se à necessidade de reclamar a construção de bairros operários, e ainda a criação dum posto de pronto socorro clínico e farmacêutico para atender os casos de urgência, etc., apresentando nesse sentido duas moções.

Fala depois Quirino Moreira, delegado da C. G. T., que principia por em nome deste organismo saudar todo o operariado, dizendo ser necessário que todos tenham no espírito que, à mesma hora e por todo o mundo operário, nesse momento se está a afirmar revolucionariamente no sentido de que a manipulação dos trabalhadores seja um facto. Historia o que foi o movimento do 1.º de Maio de 1886 e ainda ao que ele visava, apelando para que todos os presentes saibam defender-se e conquistar o horário das 8 horas de trabalho que é afinal o que neste momento se impõe para garantir uma situação economicamente melhor ao trabalhador!

Ataca a questão religiosa, o parlamentarismo e o militarismo, fazendo salientar os seus efeitos perniciosos na sociedade e que enquanto se mantiverem a sociedade não será feliz.

Apelando para todos os trabalhadores e ainda para as mulheres que se encontram presentes para que tenham carinho pelo sindicato—apresenta a moção aprovada em conselho da C. G. T., moção que não só nega à sociedade burguesa a como também dentro deste princípio defende a união da massa proletária para se impor; protesta contra a extradição de Paulo da Silva e defende uma sociedade libertária onde a paz e o amor sejam um facto.

Em seguida o camarada presidente faz diversas considerações apelando para a união e fortalecimento dos trabalhadores.

Entretanto foram presentes à aprovação das moções a que atrás fazemos referência, sendo aprovadas entre frenéticos vivas à C. G. T., A. I. T. e A. Batalha, Textéis, emancipação dos trabalhadores, etc.

Foram também aprovadas duas moções, sendo uma, que se referia à falta de socorros médicos, do seguinte teor:

«Considerando que não há ninguém que esteja isento de ser acometido subitamente por qualquer doença;

Considerando que às Câmaras Municipais compete velar pela vida e saúde dos munícipes;

Considerando que a presente vereação já tem feito alguma coisa referente à higiene pública, mas torna-se necessário desenvolver a sua esfera de acção até aos serviços de assistência clínica, que por vezes é exigua;

Os trabalhadores da Covilhã, reunidos em comício público no dia 1.º de Maio de 1921, para apreciar tão importante assunto, resolvem:

Reclamar da Câmara Municipal a criação de um posto médico permanente, para que de futuro se não constate a forçada falta de assistência médica, a qual por vezes origina casos fatais.

A outra refere-se à falta de habitação:

«Considerando que os habitantes da Covilhã vivem numa promiscuidade revoltante, no que diz respeito à falta de casas;

Considerando que a Câmara Municipal tem incluído no seu programa a construção de casas para operários;

Considerando que já adquiriu verba e terreno para este fim e não lhe deu execução;

Os trabalhadores reunidos em comício público no dia 1.º de Maio, tendo na máxima conta tão importante problema, resolve: reclamar da Câmara Municipal a construção de casas para operários atendendo assim esta nossa justa pretensão.»

Aldeia de Carvalho

ALDEIA DE CARVALHO, 1.—Vindos da Covilhã, onde vieram para representar a C. G. T. e Federação das Juventudes Sindicalistas, chegaram a esta localidade Quirino Moreira e Adolfo de Freitas, que vieram realizar uma sessão comemorativa do 1.º de Maio. A assistência à sessão foi enorme.

Presidiu Lopes Jorge dos textos da Covilhã, e que veio à sessão de Aldeia de Carvalho trazer as saudações dos trabalhadores da Covilhã, secretariado os camaradas Esgalhardo e Serralheiro. Abriu a sessão em breves palavras incitando os trabalhadores à sindicalização, fazendo uso da palavra em seguida Adolfo de Freitas da Federação das Juventudes Sindicalistas.

O orador refere-se à missão educativa das Juventudes e incita os jovens a que organizem os seus núcleos, assim como ingressem nos sindicatos e procurem defender-se da sociedade burguesa.

Depois fala Quirino Moreira, delegado da C. G. T., que se alarga em vastas considerações de carácter sindical e de propaganda, atacando a acção reaccionária-católica que pretende dominar o país, tendo palavras de incitamento à organização para se conseguir a emancipação integral dos trabalhadores. No final foi lida e aprovada a moção da C. G. T. sobre o 1.º de Maio—falando ainda Alberto Borges que atacou fundamente a questão religiosa e o militarismo—ovacionando a assistência todas as considerações dos oradores.

Em Peniche

Foi bastante concorrido o comício que se efectuou nesta localidade

PENICHE, 1.—Como nos anos anteriores a manifestação do 1.º de Maio foi comemorada com muita elevação pelo operariado local.

Os marítimos e os operários da construção civil e da indústria de conservas abandonaram o trabalho, tendo comparecido em massa no comício que se efectuou no largo 5 de Outubro. Entre a assistência do comício havia alguns burgueses da terra.

O comício iniciou-se pelas 15 horas, presidido por Alexandre Pádua Correia, secretariado o correspondente da Batalha e Jaime Paulino Casqueiro.

O presidente agradeceu largamente a situação económica dos operários de Peniche e fez várias considerações sobre o 1.º de Maio, lindas as quais deu a palavra ao operário da construção civil Eduardo dos Santos que evocou a iniquidade praticada em Chicago. Defende as 8 horas de trabalho, afirmando que essa regalia operária ainda não existe em muitas terras do país. Em Peniche a maioria dos trabalhadores ainda as não possui.

Jaime Casqueiro profere um curto discurso no qual salienta as condições económicas em que vive o povo de Peniche, condenado a viver na maior das misérias.

Referindo-se ao 1.º de Maio, afirma: «O dia de hoje não pode ser de festa, mas sim de protesto contra as iniquidades sociais e de incitamento para a conquista, no futuro, duma sociedade melhor.

Adriano Ferreira da Silva declara: «Ao operariado cabe um dever de que não pode nem deve abdicar: reagir contra todas as injustiças e explorações da classe dominante.

Análise a crise de trabalho, demonstrando ser ela o resultado dos erros e dos crimes da sociedade burguesa.

Ataca largamente a imprensa burguesa, afirmando estar ela enfiada ao dinheiro e à influência de todos os exploradores do povo. Aconselha todos os assistentes a ler A. Batalha referindo-se ao órgão da C. G. T. com palavras de caloroso elogio.

Fala em seguida Jaime Tiago, delegado da C. G. T. que é recebido pela assistência por entre vivas à Batalha e à C. G. T.

O orador começa por regosijar-se pela importância do comício, o que demonstra que o operariado de Peniche sabe interessar-se pela questão social.

Afirma que o proletariado português é o mais explorado da Europa. Descreve largamente o significado revolucionário do 1.º de Maio. Incita todos os trabalhadores a lutarem corajosamente até à total destruição da actual sociedade de políticos corruptos e de capitalistas de insaciável e criminosa ambição. Ataca largamente todos os crimes das autoridades e todos os abusos do poder fustigando com energia as deportações sem culpa formada. Análise as duas figuras odiosas das deportações: António Maria da Silva e Vitorino Guimarães.

Aconselha os trabalhadores a organizarem-se nos seus sindicatos para resistirem contra todas as prepotências burguesas. A monarquia deixou o povo na ignorância e na analfabetismo. A república imitou-a, porque aos exploradores não convém que o povo se instrua.

O orador refere-se ainda à reacção religiosa incitando todos a combatê-la com a maior energia, fazendo ver os prejuízos que dela podem advir.

Atacou ainda as ditaduras de Rivera e de Mussolini e incitou os presentes a prepararem-se para evitar a eclosão duma ditadura em Portugal.

Em seguida foi posta à aprovação a moção dimanada da C. G. T. que a assistência recebeu com aplausos, debandando depois por entre vivas à C. G. T. e à Batalha.

Terra Livre

Um camarada dedicado acaba de nos oferecer uma colecção do semanário anarquista Terra Livre para ser vendida em favor de A. Batalha. Aquele camarada fixou o preço de 15\$00.

Algum camarada que deseje adquirir este interessante semanário pode dirigir-se a nossa administração.

A polícia inventou uma nova 'Legião Vermelha'

Noticiaram os jornais de ontem que a polícia de segurança pública tinha prendido alguns indivíduos que distribuíam manifestos e apreendido a um deles um extenso documento, escrito à máquina, que é o plano de uma organização terrorista em Portugal, «destinada a implantar o bolxevismo e a liquidar todos os elementos de categoria que se opõem ao triunfo das ideias avançadas.»

A propósito destas prisões e das atordas da imprensa o comité central do Socorro Vermelho enviou-nos, com o pedido de publicação, a seguinte nota oficiosa:

Camarada director do jornal «A Batalha».—Tendo sido, pela polícia, fornecida à imprensa uma informação em que a propósito de duas prisões, se pretendia insinuar que o Socorro Vermelho é uma organização secreta, permitam-nos v. que no seu conceituado jornal desmintamos tão absurda como malevolosa insinuação.

O Socorro Vermelho é uma organização internacional de solidariedade moral, financeiro, médica e jurídica, aos operários presos e perseguidos por motivo de luta de classes, que contra cerca de 6.500.000 trabalhadores filiados em 26 países.

O Socorro Vermelho mantém, na Austría, Alemanha, Rússia e Suíça 6 «casas de crianças» onde são recolhidos os orfãos das vítimas da luta de classes, tendo em projecto a instalação de mais duas: em França e em Portugal.

Quanto sanatórios e seis casas de emigrados são, nas mesmas condições, mantidos pelo Socorro Vermelho a fim de alojar os operários doentes e emigrados também por motivos de luta de classes.

No que respeita a Secção Portuguesa do Socorro Vermelho também ela não pode ser considerada uma organização secreta. Todos os seus actos são públicos, cujos tornados públicos por meio da imprensa operária onde são publicados os seus relatórios mensais. Conta 1320 filiados organizados em 65 células distribuídas pelo país e 25 colectividades operárias aderentes com uma população de 15.000 associados.

São sócios do Socorro Vermelho criaturas sobre as quais não podem recair suspeitas de fazerem parte dum organismo secreto com fins de banditismo, tais como: médicos, advogados, jornalistas, deputados, etc.. O Socorro Vermelho só pode, pois, pelos seus objectivos humanitários, ser confundido com a Cruz Vermelha ou Triângulo Vermelho e nunca com a Legião Vermelha ou qualquer associação de malfetores.

A prisão das duas criaturas a que a informação da polícia se refere, deve ter sido motivada pela distribuição de manifestos do Socorro Vermelho que não perfila actos de banditismo. Se lhes foram encontrados quaisquer documentos referentes a uma organização secreta são de sua responsabilidade individual e nada têm com o Socorro Vermelho que não é secreto nem necessita de organizações secretas.

Esperando de v. a publicação da presente carta, somos de com a máxima consideração «O comité central: José de Sousa, H. Caetano de Sousa, António Monteiro, H. Augusto Ferreira, Manuel Mafra, M. J. Costa, Francisco Gonçalves, José de Almeida, dr. Fernando Mota, Ernesto Bonifácio Armando Ramos»

Com esta «nota oficiosa» enviou-nos o Socorro Vermelho alguns exemplares do manifesto que foi apreendido a um dos presos e nos quais não vimos matéria sediciosa como referem os jornais que noticiam a criação de uma nova Legião Vermelha.

Mas o que nós não vimos inventou-o a polícia...

SOLIDARIEDADE

Pró-familias dos deportados

No Cinema Belém realiza-se no dia 14 de Maio, às 20 horas em ponto, uma grandiosa festa de solidariedade em favor das famílias dos deportados por questões sociais, com o seguinte programa: um «filme» de aventuras de Ricardo, um acto de variedades que será desempenhado pelos amadores Emílio Cunha e Leonel Salreta e um acto da canção nacional.

Pró-José Aparício

A comissão que levou a efeito a festa em favor de José Aparício convida os camaradas que se encastraram da passagem de bilhetes a fazerem a fineza de os liquidarem quanto antes.

A referida comissão reúne hoje, pelas 21 horas.

Pelo Núcleo da Juventude Sindicalista foi tirada uma quete no Parque Eduardo VII, no dia 1 de Maio, que rendeu 329\$15, quantia que foi entregue ao Comité Pró-presos.

HORARIO DE TRABALHO

Aos empregados no Comércio

Promovida pelo Sindicato dos Empregados no Comércio e Indústria de Lisboa, realiza-se hoje, pelas 21 horas, em Alcântara, à rua do Alívio, 42, 1.º, sede do Centro Escolar Socialista, a 4.ª sessão de propaganda associativa e de protesto contra as leis do horário do trabalho e descanso semanal, no comércio.

Além do objectivo citado, o Sindicato procura nestas sessões interessar a classe por outros problemas de ordem moral, de forma a que ela adquira uma consciência perfeita dos direitos e deveres, condicionando a sua acção de maneira a melhorar tanto quanto possível, e num futuro próximo, as suas condições de trabalho e de vida.

Inquilinato

Consultas gratuitas sobre inquilinato, às terças e quintas-feiras, das 11 às 12 horas; aos sábados, das 17 às 18 horas.

Encargem-se de depósitos na Caixa Geral, cobranças de rendas e todas as questões que lhe digam respeito, o escritório de Abacacia e Docuárquia na Rua do Carmo, n.º 43, 3.º, frente

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 29 desta revista intitulada Maternidade, de Federica Montseny. — Preço, \$50. — Pedidos à administração de A. Batalha.

Vida Sindical

Câmara Sindical do Trabalho

DE LISBOA

Comissão Instaladora

Reuniu ontem, resolvendo assuntos administrativos e apreciando a cópia das circulares enviadas às Secções Sindicais Mistas sobre a formação das secções sindicais. Ocupando-se da comemoração do 1.º de Maio em Lisboa, congratulou-se com a manifestação consciente do proletariado que, à excepção dos serviços de viação e transporte terrestres, paralisou completamente o trabalho. Ficaram ainda pendentes vários assuntos referentes ao próximo congresso dos sindicatos locais, crise, baixa de salários, etc.

COMUNICAÇÕES

Empregados no Comércio.—Em reunião da comissão administrativa tratou-se do caso da Voz do Operário, tendo-se apreciado a entrevista havida entre os delegados deste Sindicato e a comissão administrativa daquela Sociedade. Trataram-se vários assuntos de carácter interno e aprovaram-se mais 33 novos sócios.

CONVOCAÇÕES